

A LÍNGUA DO PODER SEGUNDO SARAMAGO¹

Rosaria de Marco

Università degli Studi Suor Orsola Benincasa

Resumo: Em toda a sua obra ficcional, José Saramago refletiu profundamente sobre a ordem do discurso, tanto historiográfico como político, focando a sua lupa crítica no Poder. Os seus romances retratam um poder - divino, político, científico - que adota uma língua estrategicamente orientada para garantir-lhe a sua perpetuação. A pesquisa linguística de Saramago, que busca constantemente expressar o inesperado, o novo, o impensável, inverte o seu sentido ao representar as figuras do poder e da política como estando encapsuladas num sistema expressivo essencialmente sempre igual a si mesmo, e conotado por banalidade do conteúdo e redundância formal. No meu trabalho, analiso as representações linguísticas de poder e política em vários romances, com exemplos tirados de *Jangada de Pedra*, *As Intermittências da Morte*, *Ensaio sobre a Cegueira* e *Ensaio sobre a Lucidez*.

Palavras-chave: José Saramago, poder, linguagem, discurso.

Abstract: In all of his fictional work, José Saramago reflected deeply on the order of discourse, both historiographical and political, focusing his critical lens on power. His novels portray a Power - divine, political, scientific - that adopts a language strategically oriented to guarantee its perpetuation. Saramago's linguistic research, which constantly seeks to express the unexpected, the new, the unthinkable, reverses its meaning by representing the figures of power and politics as being encapsulated in an expressive system, essentially always equal to itself, and connoted by the banality of concepts and formal redundancy. In my study, I analyze the linguistic representations

¹ Uma versão preliminar deste texto foi apresentada nas [III Jornadas Internacionais José Saramago da Universidade de Vigo - Saramago nos 20 Anos do Prémio Nobel: Literatura, Arte e Política](#) (3-5 de dezembro de 2018), tendo sido [gravada pela UVIGO TV](#).

of power and politics in several novels, with examples taken from the *The Stone Raft*, *Death with Interruptions*, *Blindness*, and *Seeing*.

Key words: José Saramago, power, language, speech.

Uma língua é o lugar donde se vê o Mundo
e em que se traçam os limites do nosso
pensar e sentir.
(Vergílio Ferreira, “A Voz do Mar”, 1991)

Com fúria e raiva acuso o demagogo
Que se promove à sombra da palavra
E da palavra faz poder e jogo.
(Sophia de Mello Breyner Andresen,
“Com fúria e raiva”, 1974)

José Saramago foi definido como “um dos últimos grandes escritores engajados da História” (Conte, Um grande escritor comprometido), porque nos seus romances a dimensão política nunca está ausente. Numa entrevista em 2003 ao semanário português *Visão*, Saramago pergunta, retoricamente,

como podemos falar de democracia num mundo em que os governos não mandam? Os governos são apenas os comissários políticos (a designação vem, como se sabe, da ex-URSS), os comissários políticos do poder económico, encarregados de lhe preparar o terreno para que não haja demasiadas complicações. Podemos mudar um governo e pôr outro em seu lugar? Podemos, mas o que não podemos é chegar lá em cima, onde o poder efetivamente está. (in Vasconcelos, *Conversas com Saramago* 77-78)

A preocupação com o estado da democracia, que caracteriza o seu trabalho como blogueiro, que conflui depois em forma editorial nos seus vários *Cadernos*, também encontra amplo espaço na obra de ficção. Basta pensar nos dois *Ensaio*s (*Ensaio sobre a Cegueira* e *Ensaio sobre a Lucidez*) e no romance *A Caverna* que, no molde do mito platónico, põe em cena a alteração da realidade causada pela relação doentia entre poder económico e poder político, que hoje coincidem. O Poder e os poderes particulares, quais temas narrativos constantes para Saramago, são sujeitos a um tratamento formal preciso, decorrente do seu julgamento moral.

Por outras palavras, se o escritor considera deteriorada a democracia, injusta a relação entre poder e cidadãos, questionável a Verdade dos textos, a linguagem das personagens que representam as suas expressões será influenciada pelo julgamento negativo do Autor. Será, portanto, descuidada, inconclusiva, retórica, incoerente, banal.

Podemos dizer que cada idioma configura um território com fronteiras e normas de cidadania, isto é, *ad excludendum*, com seus próprios estandartes que garantem, mesmo à distância, o reconhecimento, segundo a codificação de uma geopolítica interna. O reconhecimento é um

conceito intimamente ligado à identidade que, quando há posições para defender, assume sempre tendências conservadoras, tendências estas que se acentuam quando em jogo há privilégios e, acima de tudo, poder.

Portanto, em determinados tipos de comunicação (mas, em pequenas quantidades, também em todos os outros), a linguagem é usada para servir, não para significar. A mensagem não está no conteúdo, muitas vezes vago, impreciso, convencional, mas na capacidade de persuadir que o locutor, pessoa física ou entidade que seja, consegue exercer, ou mesmo só simular. Isso explica a imutabilidade funcional do discurso público, que é, sim, frequentemente atualizado, mas apenas a nível formal, com matizes de cor capazes de dar a impressão de que tudo mudou (para que tudo fique na mesma, de acordo com a filosofia do *Leopardo* de Tomasi di Lampedusa).

Tal, pelo menos, parece ser a convicção de Saramago, que considera as variantes existentes, isto é, as formulações com um valor identitário, apenas como a superfície expressiva, o estilo com o qual se conotam as posições ‘diferentes’. A passagem seguinte, tirada de *Ensaio sobre a Lucidez*, além de ser divertida, é um exemplo de clara evidência. Estamos no início da história e uma abstenção perturbadora surge, aparentemente determinada por chuvas extraordinárias: "mau tempo para votar" (Saramago, *Ensaio sobre a Lucidez*, p. 9). Na assembleia de voto número 14, os representantes dos três partidos, centro, direita e esquerda, discutem o fenómeno para tentar dar uma explicação:

Teria sido preferível adiar as eleições, disse o delegado do partido do meio, p.d.m. [...]. O delegado do partido da direita, p.d.d., fez um gesto concordante com a cabeça, mas considerou que a sua contribuição para a conversa deveria revestir a forma de um comentário cauteloso [...]. Não chegamos portanto a conhecer o ponto de vista do delegado do p.d.e., porém, avaliando alguns antecedentes conhecidos, é de presumir que não deixaria de exprimir-se segundo a linha de um claro otimismo histórico [...]. (Saramago, *Ensaio sobre a Lucidez* 10)

É interessante notar como a caracterização dos três comentários (dois expressos, um presumido com base estatística, por assim dizer) identificam tanto a posição política ocupada por cada partido, quanto os instrumentos retóricos de referência e / ou de circunstância.

O p.d.m., que está no poder, de bom grado adiará as eleições para adiar o julgamento dos eleitores, o p.d.d. partilha a mesma opinião, mas minimiza-a em deferência ao conservadorismo de que se sente representativo, bem como na esperança implícita de poder beneficiar da abstenção. Para o p.d.e. o narrador assume argumentos (que seguem imediatamente a citação anterior) exprimidos numa forma que vale a pena referir: "Os votantes do meu partido são pessoas que não

se amedrontam por tão pouco, não é gente para ficar em casa por quatro míseros pingos de água que caem das nuvens" (Saramago, *Ensaio sobre a Lucidez*, p. 10), linguagem heróica que soa como a de muitos grupos políticos mais extremos ou de movimentos sociais.

Os estilemas de cada um representam a própria ideia e posição políticas. Essas representações são confeccionadas na tentativa de encenar uma distinção que o olhar irónico e lúcido de Saramago desnuda para fazer emergir a sua exiguidade, destacando o motivo comum: o cálculo da sua própria vantagem. Nenhuma das três figuras políticas, de facto, será capaz de explicar, ou até interpretar. Em suma, diferentes códigos para dizer o mesmo nada (ou muito pouco), expressões intencionalmente reticentes para sugerir a ideia de que a substância está sobretudo no não dito: "todos têm uma parte de ciência e outra de mando, a ciência por causa do mando, o mando por causa da ciência", observava o narrador do *Memorial do Convento* (250), aludindo ao fenómeno.

Em suma, uma autoridade implícita fundada no postulado de ter maior conhecimento decorrente própria ou unicamente de serem autoridades. São competências de peritos que os outros não podem compreender e das quais, portanto, devem ser protegidos. Línguas diferentes (sectoriais ou ideológicas), iguais para o fim de não deixar claro, porque "Quando le parole divengono vaghe, quando smarriscono il legame con i propri significati, viene meno la possibilità di controllare chi comanda."² (Carofiglio, *Con parole precise* 47). A linguagem do poder, de todos os poderes, sempre apostou na incompreensibilidade parcial como fator fundamental da sua representação.

Retomo agora o conceito de língua como ocupação do espaço que ela mesma estabelece e ao qual dá forma e limite. É uma fronteira que deve ser defendida, na ausência de melhor, mesmo com as armas da banalidade e do lugar-comum, como no estranho caso da *Jangada de Pedra*:

Vinham os governos e os institutos científicos preparando a investigação do movimento sutil [sic] que levava a península pelo mar fora com enigmática constância e segura estabilidade. Saber como e porquê se tinham rachado os Pirenéus era ideia de que já se desistira, esperança em poucos dias perdida. Apesar da enorme quantidade de informação acumulada, os computadores, friamente, pediam novos dados ou davam respostas disparatadas, como foi o caso do célebre Instituto Tecnológico de Massachusetts, onde os programadores coraram de vergonha ao receberem nos terminais a sentença peremptória. Demasiada Exposição ao Sol, imagine-se. Em Portugal, talvez pela impossibilidade, até hoje, de expurgar da linguagem quotidiana certos persistentes arcaísmos, a conclusão

² "Quando as palavras se tornam indeterminadas, quando extraviam o vínculo com seus próprios significados, a capacidade de controlar quem está no poder se perde" (trad. minha).

mais aproximada que pudemos obter foi Tantas Vezes Vai O Cântaro À Fonte Que Por Fim Lá Fica A Asa, metáfora que não fez mais que confundir os espíritos, uma vez que de asa não se tratava, nem de fonte, nem de cântaro, mas na qual não é difícil descortinar um factor ou princípio de repetição, que por sua própria natureza, dependendo da periodicidade, nunca se sabe aonde vai parar, tudo depende da duração do fenómeno, do efeito acumulado das acções, uma coisa assim no género de Água Mole Em Pedra Dura Tanto Dá Até Que Fura. (Saramago, *A Jangada de Pedra* 135)

Contradizendo o narrador, neste caso nem sequer podemos falar de metáfora em sentido estrito, pois se trata dum provérbio, isto é, a declinação do lugar-comum mais abusada, praticamente apenas um passo acima do vazio de sentido.

Tais modestas formulações comunicativas respondem estrategicamente à necessidade de salvaguardar a reversibilidade do discurso, um expediente útil para não admitir falhas, para evitar retratos embaraçosos, para não questionar a atribuição implícita de infalibilidade que cada poder tende a atribuir a si mesmo. Como é óbvio, também o Quarto Poder é configurado linguisticamente como tal, isto é, através da forma expressiva com a qual organiza o seu próprio espaço. Um bom exemplo é a passagem que cito, tirada de *As Intermittências da Morte*. É o momento em que a Morte decide retomar a sua atividade:

Os jornais, nem seria necessário dizê-lo, tiveram uma procura enorme, maior ainda do que quando pareceu que se tinha deixado de morrer. [...] estas páginas convulsas, agitadas, manchadas de títulos exclamativos e apocalípticos [...] de que nos contentaremos com respigar aqui estes poucos mas expressivos exemplos. Depois Do Paraíso O Inferno, A Morte Dirige O Baile, Imortais Por Pouco Tempo, Outra Vez Condenados A Morrer, Xequê-Mate, Aviso Prévio A Partir De Agora, Sem Apelo E Com Agravo, Um Papel De Cor Violeta, Sessenta E Dois Mil Mortos Em Menos De Um Segundo, A Morte Ataca À Meia Noite, Ninguém Foge Ao Seu Destino, Sair Do Sonho Para Cair No Pesadelo, Regresso À Normalidade, Que Fizemos Nós Para Merecer Isto, et cætera (Saramago, *As Intermittências da Morte* 116-117).

Aqui encontramos uma proliferação de metáforas que, pelo menos em parte, desempenham a sua função primária que é a de produzir efeitos cognitivos, difíceis de serem alcançados com argumentos comuns. É interessante notar que cada um dos vários jornais escolhe representações diferentes que podem ser resumidas em três grupos: 1) patético e sensacionalista, 2) racional e calmo, 3) fora da metáfora.

Ao primeiro grupo é atribuível a maioria das formulações: “Depois Do Paraíso O Inferno”, “Xequê-Mate”, “Sem Apelo e Com Agravo”, “A Morte Ataca À Meia Noite”, “Sair Do Sonho Para Cair No Pesadelo”, “Que Fizemos Nós Para Merecer Isto”.

Ao segundo: “Imortais Por Pouco Tempo”, “Outra Vez Condenados A Morrer”, “Ninguém Foge Ao Seu Destino”, os dois últimos com uma nuance dramática).

No terceiro: “Aviso Prévio A Partir De Agora”, “Retorno À Normalidade”, “Um Papel De Cor Violeta”, “Sessenta E Dois Mil Mortos Em Menos De Um Segundo” (também neste caso noto um efeito de choque gerado pelo relacionamento numérico mortos / tempo, apesar de a notícia corresponder à verdade e de a formulação do título parecer neutra).

Classificados desta maneira, os títulos tornam evidente a função geopolítica do léxico. Eles traçam o perímetro ideológico dentro do qual cada jornal exerce o seu poder de influência, área reconhecível mesmo pela típica formulação linguística.

As situações extraordinárias que Saramago imagina e em torno das quais constrói as histórias são uma metáfora do comportamento posto em prática por cada personagem (e grupos delas) em relação ao novo, ao inesperado. A abertura ao novo, a capacidade de captar os pródromos e interpretar os sintomas, o dever de imaginar soluções originais para problemas inéditos e a prontidão para medir os seus efeitos são, evidentemente, as qualidades políticas que Saramago gostaria de encontrar em todos e, ainda mais, em todos aqueles que detêm o Poder, ou qualquer forma dele, por ínfima que seja.

Infelizmente, as suas narrativas, assim como a nossa realidade, devolvem-nos uma repetição cansada de atitudes já vistas, palavras de ordem já ouvidas, medidas já falhadas noutros lugares ou noutros tempos. Esse deficit criativo é remediado renovando e adaptando a parafernália retórica do discurso político para ocultar a inadequação da resposta. Basicamente, a insipiência. Cito um bom exemplo tirado de *Ensaio sobre a Cegueira*:

A lembrança tinha saído da cabeça do próprio ministro. Era, por qualquer lado que se examinasse, uma ideia feliz, senão perfeita, tanto no que se referia aos aspectos meramente sanitários do caso como às suas implicações sociais e aos seus derivados políticos. Enquanto não se apurassem as causas, ou, para empregar uma língua adequada, a etiologia do mal-branco, como, graças à inspiração de um assessor imaginativo, a malsonante cegueira passaria a ser designada, enquanto para ele não fosse encontrado o tratamento e a cura, e quiçá uma vacina que prevenisse o aparecimento de casos futuros, todas as pessoas que cegaram, e também as que com elas tivessem estado em contacto físico ou em proximidade directa, seriam recolhidas e isoladas, de modo a evitarem-se ulteriores contágios, [...]. Em palavras ao alcance de toda a gente, do que se tratava era de pôr de quarentena todas aquelas pessoas, segundo a antiga prática, herdada dos tempos da cólera e da febre-amarela, quando os barcos contaminados ou só suspeitos de infecção tinham de permanecer ao largo durante quarenta dias, até ver. Estas mesmas palavras, Até ver, intencionais pelo tom, mas sibilinas por lhe faltarem outras, foram pronunciadas pelo ministro, [...]. (Saramago, *Ensaio sobre a Cegueira* 43)

Os cegos serão internados nos asilos desativados e noutras instalações de segregação. Quatro anos depois, na mesma cidade, as autoridades terão que enfrentar uma nova crise, ainda mais assustadora, devido a uma epidemia de votos em branco. Também neste caso, a solução que planeiam será colocar a cidade em estado de sítio para isolá-la do resto do país.

O novo, como disse antes, perturba. E perturba muito mais quem tem mais a perder e, conseqüentemente, a defender. Perturba de tal maneira que, mesmo quando é uma novidade alegre, as modalidades expressivas para enfrentá-la permanecem cautelosas, como se pode ler na passagem seguinte, tirada das primeiras páginas de *As Intermittências da Morte*, quando o Ministro da Saúde, encaçado pelos jornalistas, é obrigado a enfrentar o tema da ausência de mortes:

Estamos a coligir as informações que nos chegam de todo o país [...]. Poderia ter-se deixado ficar por aqui, levando em conta as dificuldades da situação, já seria motivo para agradecer, mas o conhecido impulso de recomendar tranquilidade às pessoas a propósito de tudo e de nada, de as manter sossegadas no redil seja como for, esse tropismo que nos políticos, em particular se são ao governo, se tornou numa segunda natureza, para não dizer automatismo, movimento mecânico, levou-o a rematar a conversa da pior maneira. Como responsável pela pasta da saúde, asseguro a todos quantos me escutam que não existe qualquer motivo para alarme. Se bem entendi o que acabo de escutar, observou um jornalista em tom que não queria parecer demasiado irónico, na opinião do senhor ministro não é alarmante o facto que ninguém está a morrer, Exacto (sic), embora por outras palavras, foi isso mesmo o que eu disse, Senhor ministro, permita-me que lhe recorde que ainda ontem havia pessoas que morriam e a ninguém lhe passaria pela cabeça que isso fosse alarmante, É natural, o costume é morrer, e morrer só se torna alarmante quando as mortes se multiplicam, uma guerra, uma epidemia, por exemplo, Isto é, quando saem da rotina, Poder-se-á dizer assim, Mas, agora que não se encontra quem esteja disposto a morrer, é quando o senhor ministro nos vem pedir que não nos alarmemos, convirá comigo que, pelo menos, é bastante paradoxal, Foi a força do hábito [...], Que outra palavra usaria então o senhor ministro, faço a pergunta porque, como jornalista consciente das minhas obrigações que me prezo de ser, me preocupa empregar o termo exato sempre que possível. Ligeiramente enfadado com a insistência, o ministro respondeu secamente, Não uma, mas quatro, Quais, senhor ministro, Não alimentemos falsas esperanças. (Saramago, *As Intermittências da Morte* 19)

Como se pode ver, aproveitando o diálogo, o escritor distribui a ironia por ambos os Poderes (a política e a imprensa). Assim como não poupa a oposição que, obviamente, acha afligida pela mesma deplorável tendência à inadequação substancial, disfarçada pelo expressionismo verbal, no caso que considero em seguida, novamente retirado de *As Intermittências da Morte*: o Partido Republicano, natural adversário da monarquia, encontra na condição de imortalidade sem

precedentes um novo e sólido argumento para defender a necessidade da transição para um regime republicano. Em comparação com a perspectiva de "uma sucessão infinita de entronizações e abdições, uma infinita sequência de reis deitados nas suas camas à espera de uma morte que nunca chegaria" (Saramago, *As Intermittências da Morte* 88), teria sido muito mais lógico e benéfico para a nação ter um presidente da República com datas fixas. A ideia foi bem sucedida e teve como resultado:

uma concorrência absolutamente fora do comum de adesões de novos militantes dispostos a empreender uma jornada que [...] já era histórica antes de saber se realmente o viria a ser. Infelizmente as manifestações verbais de cívico entusiasmo dos novos aderentes a este republicanismo prospectivo e profético, nos dias que seguiram, nem sempre foram tão respeitadoras como a boa educação e uma sã convivência democrática o exigem. Algumas delas chegaram mesmo a ultrapassar as fronteiras do mais ofensivo grosseirismo, como dizem, por exemplo, falando das realezas, que não estavam dispostos a sustentar bestas à argola nem burros a pão-de-ló. Todas as pessoas de bom gosto estiveram de acordo em considerar tais palavras, não só inamissíveis, como também imperdoáveis. Bastaria dizer-se que as arcas do estado não podiam continuar a suportar mais o contínuo crescimento das despesas da casa real e seus a latere, e toda a gente o compreenderia. Era a verdade e não ofendia (Saramago, *As Intermittências da Morte* 90-91).

A verdade. Este é o coração do problema para Saramago, que no discurso pronunciado na ocasião da entrega do Prémio Nobel, não por acaso, usa estas palavras: "[...] a dignidade do ser humano é insultada todos os dias pelos poderosos do nosso mundo, [...] a mentira universal tomou o lugar das verdades plurais, [...]" (Saramago, *De como a personagem foi mestre*).

A língua da política não é a língua da verdade. E aqui está a ideia brilhante que ativa o dispositivo do *Ensaio sobre a Lucidez*: à irremediável inautenticidade das palavras do Poder, as pessoas respondem com o silêncio duro, compacto e inequívoco do voto em branco. Sem revoluções, proclamações ou reivindicações, respeitando, de facto, plenamente as regras democráticas, com uma percentagem de absentismo próxima do zero, cidadãos e cidadãs compõem e enviam, cada um para si, uma mensagem sem palavras, mas com um significado poderoso: não acredito mais em vocês, não há um entre vocês que valha uma cruzinha no quadrado eleitoral.

É interessante notar que, apesar de não poupar críticas ao sistema democrático pelo seu mau estado, o autor opte pela escolha de um voto em branco, e não pela abstenção, deixando assim uma esperança residual nas potencialidades da participação política. Como é intuitivo, diante da excepcionalidade do fenómeno, o Poder realiza uma manipulação discursiva da realidade, reabsorvendo-a na sua narrativa, reforçada pelo recurso a uma situação anterior de crise.

Não precisarei de lhe recordar, senhor presidente, que não foi esta a primeira vez, Precisamente a isso me estava a referir, meu caro primeiro ministro, É evidente que não há menor probabilidade de uma relação entre os dois acontecimentos, É evidente que não, a única coisa que têm em comum é a cor, Para o primeiro não se encontrou até hoje uma explicação, E para este também a não temos, Lá chegaremos, senhor presidente, lá chegaremos, Se não dermos antes com a cabeça numa parede, Tenhamos confiança, senhor presidente, a confiança é fundamental, Em que, em que, diga-me, Nas instituições democráticas, Meu caro, reserve esse discurso para a televisão, aqui só nos ouvem os secretários, podemos falar com clareza. (Saramago, *Ensaio sobre a Lucidez* 96)

O discurso que o presidente faz à nação após o abandono da capital, tão cheio de retórica desgastada, com tons sentimentais e consternação teatral, mereceria ser citado por inteiro, mas, mesmo reduzindo drasticamente a citação, é possível reconhecer os ecos de muitos discursos análogos que ouvimos na vida real, pronunciados tanto por expoentes democráticos, como por ditadores passados e recentes:

Eis por conseguinte o discurso completo, a que só faltam, por intransponível impossibilidade de transcrição, a tremura da voz, a compunção do gesto, a aguilha ocasional de uma lágrima mal contida, Falo-vos com o coração nas mãos, falo-vos despedaçado pela dor de um afastamento incompreensível, como um pai abandonado pelos filhos que tanto amara, perdidos, perplexos, eles e eu, ante a sucessão de uns acontecimentos insólitos que vieram romper a sublime harmonia familiar. E não digais que fomos nós, que fui eu próprio, que foi o governo da nação, assim como os deputados, os que nos separámos do povo. [...] Vós, sim, sois os culpados, vós, sim, sois os que ignominiosamente haveis desertado do concerto nacional para seguirdes o caminho torcido da subversão, da indisciplina, do mais perverso e diabólico desafio ao poder legítimo do estado de que há memória em toda a história das nações. Não vos queixeis de nós, queixai-vos de vós próprios [...]. (Saramago, *Ensaio sobre a Lucidez* 105-106)

O discurso continua por três páginas, oferecendo uma *summa* detalhada da retórica do poder que Saramago ridiculariza dramaticamente, porque "la retorica non è degna compagnia per gente che vuole pensare in modo serio e con il proprio cervello" (Saramago, *La speranza è finita*).³ Essa citação é tirada do texto que o escritor enviou à conferência internacional do Pen Club Itália, "Parole di libertà" (2010), no qual expressou as suas convicções a esse respeito, defendendo que a palavra do Poder tende a se afirmar mesmo quando não afirma, a fazer passar o projeto por trabalho feito, a narrativa por realidade. Todas más práticas que, como tentei demonstrar, Saramago representa nas configurações linguísticas do Poder que desenha.

³ "A retórica não é digna companhia para pessoas que querem pensar seriamente e com os seus cérebros" (trad. minha).

Ogni parola è pronunciata perché non se ne oda un'altra, perché la parola non rivela, maschera. Per questo occorre mondare le parole affinché la semina si trasformi in raccolto. Perché le parole siano strumento di morte o di salvezza. Perché la parola valga solo ciò che vale il silenzio dell'atto (Saramago, *La speranza è finita*).⁴

Por paradoxo, no *Ensaio sobre a Lucidez*, a afirmação da última linha da citação parece inspirar, embora em negativo, a representação do Poder quando tem que agir. Nesse caso, ele quase se cala, a sua linguagem torna-se cada vez mais seca, exata, breve, à medida que a brutalidade aumenta. O exemplo seguinte é tirado das páginas finais do romance:

Somos agentes da polícia e trazemos ordem de levar o seu marido para um interrogatório, não vale a pena que se canse a dizer-nos que saiu, a casa encontra-se vigiada, por isso não temos dúvidas que ele esteja aqui, Não há qualquer razão para que tenham de interroga-lo, a acusada de todos os crimes, pelo menos até agora, tenho sido eu, Esse assunto não é de nossa conta, as ordens que recebemos são escritas, levar o médico, não a mulher do médico, portanto, se não quiser que entremos à força, vá chamá-lo, e já agora prenda esse cão, não vá acontecer-lhe algum acidente (Saramago, *Ensaio sobre a Lucidez* 357-358).

O silêncio “do acto”, pouco mais tarde, será interrompido apenas pelas explosões de dois tiros que matarão a mulher, e do terceiro que matará o cão.

Ainda mais temível dos discursos bombásticos e vazios, esse é o silêncio do Poder. Segundo Saramago.

Bibliografia

Carofiglio, Gianrico. *Con parole precise*. Bari-Roma, Laterza, 2015.

Conte, Rafael. “Um grande escritor comprometido”. In: *Camões - Revista de Letras e Cultura Lusofónas*, nº 3, 1998, pp. 19-21.

Saramago, José. *Memorial do Convento*. Lisboa: Caminho, 1982.

_____. “De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz” [Discurso pronunciado a 7 de dezembro de 1998 na Academia Sueca], <https://www.josesaramago.org/nobel/>.

⁴ “Cada palavra é pronunciada para que outra não se ouça, porque a palavra não revela, mascara. Por isso é necessário limpar as palavras para que a sementeira se transforme em colheita. Para que as palavras sejam um instrumento de morte ou de salvação. Para que a palavra valha apenas o que vale o silêncio do acto” (trad. minha).

- _____. *A Jangada de Pedra*. Lisboa: Caminho, 2002.
- _____. *Ensaio sobre a Cegueira*. Lisboa: Caminho, 1995.
- _____. *As Intermittências da Morte*. Lisboa: Caminho, 2005.
- _____. *Ensaio sobre a Lucidez*. Lisboa: Porto Editora, 2017.
- _____. “La speranza è finita, è l’ora della volontà”, *La Stampa*, 7/11/2010,
https://www.lastampa.it/cultura/2010/11/07/news/la-speranza-e-finita-e-l-ora-della-volonta-1.36991640?refresh_ce [consultado em 10 de Fevereiro de 2020].
- Vasconcelos, José Carlos de. *Conversas com Saramago*. Lisboa: JL, 2010.

Rosaria de Marco nasceu em Nápoles (Itália) no 1959. É Dottore di ricerca em Letterature Romanze Comparate. Ensina Literatura Portuguesa e Língua Portuguesa na Universidade de Nápoles “Suor Orsola Benincasa”, onde, desde o 2018, também tem um curso sobre telenovelas brasileiras e identidade nacional. Traduziu para o italiano vários contos e poemas portugueses recolhidos em volumes coletivos e os romances *Jornada de África* de Manuel Alegre (Il Filo, 2010) e *Enquanto Salazar dormia...* de Domingos Amaral (Cavallo di Ferro, 2013). Publicou críticas e artigos em várias revistas. No 2012, publicou o ensaio *Saramagico. Elementi e funzioni del fantastico nel romanzo filosofico di José Saramago* (ETS) e no 2018 o ensaio *L'altra faccia della Telenovela* (Orientexpress).

Correio electrónico: iaia.demarco@gmail.com